
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JULIA EDUARDA DE FREITAS

**A SOBRECARGA DE MÃES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE
MENTAL E QUALIDADE DE VIDA**

Apucarana

2025

JULIA EDUARDA DE FREITAS

**A SOBRECARGA DE MÃES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE
MENTAL E QUALIDADE DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de grau do curso de
bacharel em Psicologia apresentado na
Faculdade de Apucarana.

Orientadora: Me. Giovana Maria Mourinho
Ferreira

Apucarana

2025

JULIA EDUARDA DE FREITAS

**A SOBRECARGA DE MÃES DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE
MENTAL E QUALIDADE DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de grau do curso de bacharel em Psicologia apresentado na Faculdade de Apucarana, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Me. Giovana Maria Mourinho Ferreira

Prof.^o Me. Eduardo de Souza Hashimoto

Prof.^a Rafaela Cristine Merli

Apucarana, ____ de dezembro de 2025

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e sabedoria que sustentaram cada passo desta caminhada, iluminando meus dias e fortalecendo meu propósito.

Aos meus pais, Edilene e Moisés, que foram minha base mais firme. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada gesto silencioso de cuidado e por acreditarem em mim mesmo nos momentos em que eu duvidava. Vocês me ensinaram sobre coragem, responsabilidade e amor incondicional. Este trabalho também é fruto do esforço, dos valores e da força que recebi de vocês.

À minha orientadora, professora Giovana Maria Mourinho Ferreira, agradeço por sua paciência, dedicação e sensibilidade na condução deste processo.

À minha família, obrigada pela compreensão, pelo carinho e pela presença constante que tornaram esta caminhada possível.

Aos amigos e colegas de curso, que tornaram essa jornada mais leve, mais humana e mais significativa.

E a todas as mães cuidadoras, cuja coragem e amor inspiraram cada página deste trabalho, este estudo é, acima de tudo, uma homenagem a vocês.

A SOBRECARGA DE MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL E QUALIDADE DE VIDA

FREITAS, J.E¹

FERREIRA, G. M.M²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta diferentes áreas do funcionamento humano, exigindo cuidados contínuos e específicos ao longo da vida. No contexto familiar, observa-se que a mãe, em grande parte das vezes, assume o papel principal de cuidadora, o que amplia as demandas físicas, emocionais e sociais enfrentadas por ela. Essa realidade evidencia uma sobrecarga materna que pode comprometer a saúde mental e a qualidade de vida das mães de crianças com TEA. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os impactos dessa sobrecarga na saúde mental e na qualidade de vida das mães cuidadoras. A relevância do tema está na ampliação dos debates sobre o autismo e na carência de estudos que abordem as consequências emocionais e sociais associadas ao cuidado prolongado. A fundamentação teórica compreende o TEA como um transtorno multifacetado, com manifestações diversas e níveis distintos de suporte necessários. Além disso, reconhece a maternidade como um papel socialmente construído, permeado por expectativas culturais que reforçam a responsabilidade feminina nos cuidados familiares. Tais exigências tornam-se ainda mais intensas diante do diagnóstico de TEA, exigindo das mães resiliência, adaptações constantes e, por vezes, renúncias pessoais significativas. A metodologia proposta é qualitativa, baseada em uma revisão integrativa da literatura, utilizando produções científicas das bases SciELO, PubMed e PePSIC, selecionadas por sua relevância e atualização nas áreas da Psicologia e da Saúde. Os achados evidenciaram que essa sobrecarga é multifatorial e intensificada pela baixa participação paterna, pelo estigma social e pela insuficiência de suporte institucional, indicando a necessidade de intervenções psicossociais e políticas públicas que ampliem as redes de apoio e favoreçam o cuidado integral às mães cuidadoras.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Maternidade Atípica. Sobrecarga Materna. Saúde Mental Mães.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that affects multiple areas of human functioning, requiring continuous and specialized care throughout life. Within the family context, mothers often assume the primary caregiving role, which increases the physical, emotional, and social demands they face. This situation highlights maternal overload, which can negatively affect the mental health and quality of life of mothers of children with ASD. Therefore, this study aims to analyze the impacts of maternal overload on the mental health and quality of life of primary caregiver mothers. The relevance of this topic lies in the growing discussions about autism and the scarcity of research addressing the emotional and social consequences of prolonged caregiving. The theoretical framework considers ASD as a multifaceted disorder, with diverse manifestations and varying levels of required support. Furthermore, it recognizes motherhood as a socially constructed role, shaped by cultural expectations that often place the responsibility for family care predominantly on women. These demands are intensified in the context of an ASD diagnosis, requiring mothers to demonstrate resilience, constant adaptation, and, at times, significant personal sacrifices. The proposed methodology is qualitative, based on an integrative literature review, using scientific publications from databases such as SciELO, PubMed, and PePSIC, selected for their relevance and up-to-date contributions in the fields of Psychology and Health. The findings indicated that this overload is multifactorial and intensified by low paternal involvement, social stigma, and insufficient institutional support, highlighting the need for psychosocial interventions and public policies that expand support networks and promote comprehensive care for mothers who are primary caregivers.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Atypical Motherhood. Maternal Overload. Maternal Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar como o cuidado com filhos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode afetar a saúde mental e o bem-estar geral das mães, que em grande parte dos lares brasileiros assumem, de forma quase exclusiva, a responsabilidade por esse cuidado. O aumento de diagnósticos de TEA nos últimos anos tem impulsionado a produção científica em áreas como neurodesenvolvimento e genética, voltadas à detecção precoce e intervenção mais eficaz (Rios, *et al.*, 2015). No entanto, os efeitos emocionais e sociais sobre quem cuida, sobretudo as mães, ainda são pouco explorados na literatura.

A centralização dos cuidados nas figuras maternas, somada à exigência constante de atenção, organização e mediação de demandas específicas do desenvolvimento infantil atípico, pode gerar impactos significativos sobre a saúde mental e a qualidade de vida dessas mulheres (Ponte; Araujo, 2022). A sobrecarga, nesse cenário, não se limita ao aspecto físico, mas envolve também questões emocionais, sociais e subjetivas, muitas vezes desconsideradas pelos sistemas de saúde e pela sociedade (Pereira *et al.*, 2017). O enfrentamento contínuo de desafios relacionados ao comportamento, comunicação e integração social das crianças, bem como a carência de suporte institucional, contribuem para o desgaste psíquico dessas mães (Ponte; Araujo, 2022).

Nesse contexto, a mãe atípica é compreendida como aquela que vivencia uma maternidade marcada por exigências além das normativas sociais, com constantes renúncias pessoais. Segundo Viana e Benincasa (2023), a maternidade atípica está associada a desafios que atravessam a rotina, as relações familiares e as expectativas sociais sobre o que é “ser mãe”. O estudo de Schmidt (2004), ao citar Bristol e Schopler (1983), destaca que familiares de crianças com TEA tendem a apresentar níveis de estresse significativamente mais elevados, o que agrava o risco de sofrimento psíquico. Ao manifestar cansaço ou angústia, muitas vezes essas mães ainda são alvo de julgamento social, o que evidencia o peso simbólico atribuído à figura materna.

Considerando esse cenário, torna-se essencial aprofundar a compreensão sobre diferentes dimensões que compõem a experiência materna

no contexto do TEA. Assim, este estudo propõe-se a descrever, com base nas literaturas atuais, as principais características do Transtorno do Espectro Autista; discutir o papel da mãe como cuidadora principal diante das demandas específicas impostas pelo diagnóstico; e identificar os efeitos da sobrecarga física e emocional na saúde mental das mães de crianças com TEA. A articulação desses objetivos possibilita uma análise mais ampla e fundamentada dos fatores que intensificam o desgaste materno, contribuindo para o avanço das reflexões científicas e para o desenvolvimento de práticas mais sensíveis às necessidades dessas mulheres.

Além de seu valor social, o presente estudo se justifica pela necessidade de ampliar o conhecimento técnico-científico sobre as implicações da maternidade atípica, considerando a escassez de abordagens que tratem de forma aprofundada a experiência subjetiva das cuidadoras. Compreender tais aspectos é fundamental para a elaboração de estratégias de acolhimento e intervenção mais eficazes, tanto na saúde pública quanto na assistência psicossocial.

Estudos como o de Smeha e Cezar (2011) indicam que redes de apoio eficientes fortalecem a confiança das mães e tornam a vivência da maternidade menos desgastante. Ainda assim, muitas mães relatam a ausência de suporte institucional e emocional, o que amplia a sobrecarga vivida. A pesquisa de Vilanova et al. (2022) aponta que 64,7% das mães de crianças com TEA se sentem sobrecarregadas, sendo 52,9% com sobrecarga leve a moderada, o que evidencia a urgência do tema.

Dessa forma, investigar a sobrecarga materna permite não apenas compreender com maior profundidade os efeitos psicossociais do cuidado contínuo, mas também contribuir com propostas mais humanas e sensíveis às mães que vivem essa realidade.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

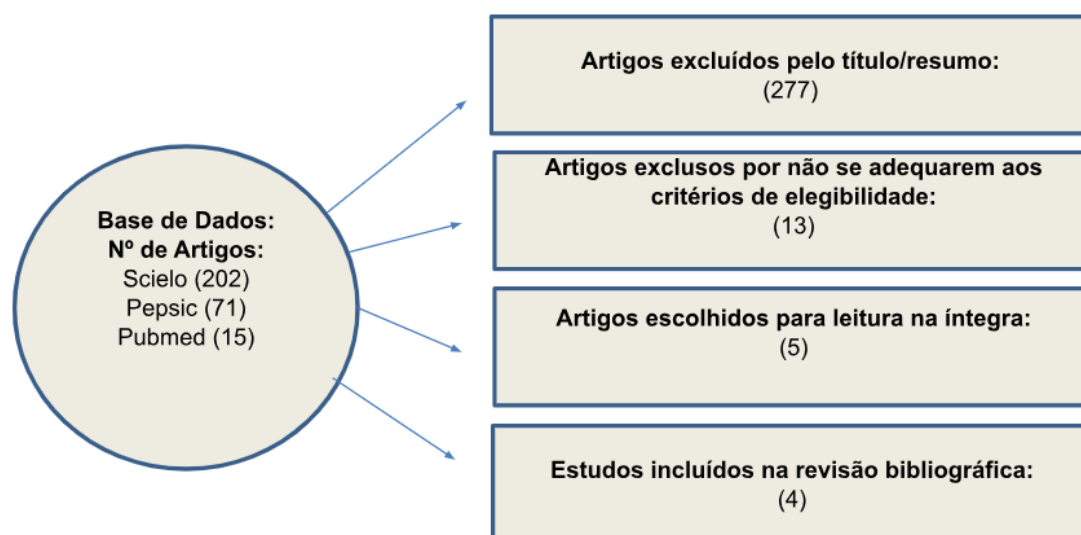
A presente pesquisa é de natureza qualitativa e foi desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, com o propósito de promover uma compreensão crítica acerca do impacto da sobrecarga materna no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa abordagem permite reunir, comparar

e analisar de forma sistemática produções científicas relevantes sobre o tema (Galvão; Mendes e Silveira, 2008). Foram utilizados artigos científicos disponíveis nas bases de dados SciELO, PubMed e PePSIC, selecionadas por sua abrangência e constante atualização no campo da Psicologia e da Saúde.

Foram incluídos estudos publicados entre 2017 e 2025, disponíveis em texto completo e de acesso gratuito, redigidos em língua portuguesa, que abordam diretamente a temática da sobrecarga materna, saúde mental ou qualidade de vida de mães cuidadoras de crianças com TEA. Excluíram-se artigos que tratam apenas de aspectos médicos do transtorno, duplicatas e publicações sem rigor científico. A busca foi conduzida por meio dos descritores: *“Transtorno do Espectro Autista”*, *“Maternidade Atípica”*, *“Sobrecarga Materna”* e *“Saúde Mental Mães”*, aplicados de forma isolada e combinada, a fim de garantir maior precisão e abrangência.

Os dados foram analisados qualitativamente, com base na organização das informações em um quadro resumo contendo autor, título, ano, periódico e principais achados. Essa sistematização possibilitou identificar convergências, lacunas e contribuições dos estudos sobre a relação entre a sobrecarga de cuidado e a saúde mental das mães. Por se tratar de uma revisão integrativa, o estudo não foi submetido ao Comitê de Ética, sendo observados princípios éticos como o respeito à propriedade intelectual, à integridade acadêmica e à transparência na análise e interpretação dos resultados.

Figura 1 – Procedimentos de coleta de dados



Fonte: Autoria própria.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos selecionados para a revisão bibliográfica estão apresentados no Quadro 1, evidenciando informações sobre título, autores, ano de publicação, local, tipo de estudo e objetivos de cada pesquisa analisada.

Quadro 1 - Estudos selecionados para a revisão bibliográfica

Título	Autores	Ano de publicação	Local	Tipo de estudo	Objetivos
A influência do engajamento paterno na qualidade de vida de mães de crianças com deficiência	Julie Stephanny de Souza Gurgel Paranhos; Gabriela Muniz dos Santos Vidigal; Isabela Mie Takeshita; Gabriela dos Reis Vieira Hudson; Rodrigo Vieira Hudson; Carla de Paula Silveira;	2024	São Paulo, Brasil (publicado na revista <i>Saúde e Sociedade</i> , v.33, n.2)	Estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa	Investigar a correlação entre o engajamento paterno e a qualidade de vida das mães de crianças com deficiência;

Título	Autores	Ano de publicação	Local	Tipo de estudo	Objetivos
Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão	Ana Gabriela Rocha Araujo; Mônia Aparecida da Silva; Regina Basso Zanon	2023	Psicologia Escolar e Educacional, v.27	Estudo teórico, revisional, de cunho qualitativo e reflexivo	Analisar o movimento da neurodiversidade no contexto do TEA, discutindo relações com evidências científicas
Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal	Marília Luiz Pereira, Daniela Bordini, Marcelo C. Zappitelli	2017	São Paulo, Brasil (Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie)	Estudo qualitativo, relato de experiência em grupo terapêutico psicodinâmico	Atender pais de crianças com TEA por meio de intervenção grupal, proporcionando reflexão sobre o impacto do TEA na vida familiar e promovendo suporte emocional, acolhimento e elaboração das experiências dos pais
Vivências de mães no cuidado de crianças com TEA	Amélia Belisa Moutinho da Ponte e Lucivaldo da Silva Araújo	2022	Revista do NUFEN – Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil	Pesquisa qualitativa fenomenológica	Compreender os sentidos da maternagem para mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando como se constitui o cuidado dessas mães, os desafios enfrentados no cotidiano e os efeitos na vida pessoal, conjugal e social decorrentes da dedicação ao cuidado do filho neuroatípico.

Fonte: Autoria própria.

O primeiro objetivo desta pesquisa foi descrever as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) conforme as literaturas atuais. Os estudos desenvolvidos convergem para indicar que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por desafios persistentes na comunicação social, interação interpessoal e padrões de comportamento restritivos e

repetitivos, com variações em níveis de gravidade que exigem intervenções personalizadas (Araújo; Silva e Zanon, 2023; Paranhos *et al.*, 2024). Araújo, Silva e Zanon (2023) enfatizam a evolução histórica do conceito, desde as prioridades iniciais de Kanner (1943) e Asperger (1944), até a unificação no DSM-5 (APA, 2013), que absorve subtipos como Asperger e transtorno desintegrativo em um espectro único, destacando domínios como o desenvolvimento sociocomunicativo e comportamentos estereotipados.

Essa abordagem espectral reflete não apenas manifestações clínicas, mas também influências multifatoriais, como fatores genéticos e ambientais. Araújo, Silva e Zanon (2023) destacam que a ampliação do acesso às informações e as mudanças nos critérios diagnósticos contribuíram para uma percepção de “epidemia” do TEA, embora tal fenômeno esteja mais relacionado à maior visibilidade. Paranhos *et al.* (2024), em sua amostra composta por crianças com diferentes deficiências, identificaram que as características do TEA, sobretudo déficits de reciprocidade emocional e hipersensibilidade sensorial, intensificam a necessidade de cuidados prolongados, afetando rotinas familiares e exigindo adaptações contínuas. Pereira *et al.* (2017) reforçam esse cenário ao indicar que a complexidade das demandas familiares se eleva de modo significativo. Em complemento, Ponte e Araujo (2022) apresentam uma perspectiva fenomenológica, compreendendo o TEA como uma forma de neuroatipicidade que transforma expectativas maternas e impõe às mães a condução de rotinas terapêuticas intensas e manejo constante de comportamentos rotulados socialmente, evidenciando impactos que ultrapassam os sintomas clínicos e alcançam dimensões sociais e relacionais.

Em conjunto, esses estudos indicam que as características do TEA não são isoladas, mas interligadas a contextos familiares e sociais, onde a falta de conhecimento perpetua barreiras, ampliando desafios para mães como cuidadoras principais e exigindo abordagens biopsicossociais para inclusão efetiva.

O segundo objetivo foi discutir o papel da mãe como cuidadora principal no contexto do TEA. Todos os estudos revisados evidenciam que a responsabilidade primária recai sobre as mães, que assumem uma centralidade no cuidado diário, frequentemente abdicando de papéis profissionais e pessoais, enquanto o engajamento paterno permanece auxiliar e mais emocional do que

prático (Paranhos *et al.*, 2024; Ponte e Araújo, 2022; Pereira *et al.*, 2017). Paranhos *et al.* (2024) quantificam essa desigualdade em uma amostra de 35 mães, em que 66% alteraram carreiras pós-diagnóstico (40% saíram do emprego), contrastando com pais que mantêm rotinas laborais como provedores (94% empregados), resultando em mães como "cuidadoras profissionais" responsáveis por terapias, medicamentos e rotinas, com rede de apoio (avós, babás) insuficiente para aliviar a sobrecarga.

Ponte e Araújo (2022) aprofundam essa dinâmica fenomenologicamente, descrevendo mães como protagonistas em fases de luto e adaptação (sobrevivência, busca, ajuste), assumindo rotinas "pesadas" de estimulação diária e estudos sobre TEA, mesmo abandonando profissões, o que gera reclusão social e anulação de papéis femininos (conjugalidade, lazer). Pereira *et al.* (2017) corroboram ao relatar, em grupo terapêutico, mães que "focam a vida quase que exclusivamente na criança com TEA", com baixa adesão de pais devido a logística (trabalho, distância), perpetuando isolamento e conflitos conjugais, como acréscimos elevados.

Araújo, Silva e Zanon (2023) contextualizam a questão socialmente, argumentando que o modelo médico dominante em pesquisas brasileiras reforça a visão de TEA como "déficit" a ser gerenciado pelas mães, ignorando a neurodiversidade como identidade, o que agrava a sobrecarga ao excluir pais de narrativas inclusivas. Assim, a convergência entre os estudos evidencia que o papel materno não é apenas estrutural, mas culturalmente imposto, com implicações para empoderamento: enquanto Ponte e Araujo (2022) destacam o ativismo materno como resistência, Paranhos *et al.* (2024) afirmam que 86% das mães desejam mais participação paterna em planejamento (agendas, terapias), apontando para a necessidade de romper desigualdades via políticas de corresponsabilidade familiar.

O terceiro objetivo foi identificar os efeitos da sobrecarga emocional e física na saúde mental das mães de crianças com TEA. Os estudos revelam impactos multifatoriais, com esgotamento físico (baixa vitalidade), emocional (ansiedade, culpa) e social (isolamento), agravados por estigma e falta de suporte, levando a prejuízos como depressão e redução de bem-estar (Paranhos *et al.*, 2024; Ponte e Araújo, 2022; Pereira *et al.*, 2017; Araújo, Silva & Zanon, 2023). Paranhos *et al.* (2024). Ponte e Araújo (2022) descrevem qualitativamente

o luto pelo "filho idealizado" (culpa, angústia inicial), evoluindo para adaptação, mas com "existências limitadas" por maternagem: mães como "terapeutas caseiras" enfrentam cansaço sem pausa, solidão e preconceito familiar (ex.: negação do diagnóstico por avós), potencializado por barreiras como filas em serviços públicos (CAPSi, CER).

Pereira *et al.* (2017) descrevem que mães de crianças com TEA expressam frustração diante do percurso diagnóstico, relatando experiências repetidas de busca por profissionais até obterem esclarecimentos mais consistentes. Também apontam isolamento social, já que muitas evitam sair de casa por receio de crises em ambientes públicos, além de sentimentos persistentes de culpa associados à percepção de negligenciar outros filhos em razão das demandas intensas de cuidado. Esses relatos evidenciam que a sobrecarga materna ultrapassa o manejo comportamental diário, alcançando dimensões emocionais e sociais que se tornam mais intensas quando as famílias enfrentam poucos recursos de apoio, orientação limitada e responsabilidades contínuas de organização das rotinas terapêuticas.

Juntos, esses estudos evidenciam que a sobrecarga é interseccional: física (rotinas intensas, Paranhos *et al.*, 2024), emocional (luto/culpa, Ponte e Araújo, 2022) e social (estigma/isolamento, Araújo, Silva e Zanon, 2023; Pereira *et al.*, 2017), com fatores como divisão de gênero e subnotificação, ampliando riscos mentais (depressão, estresse específico). Isso reforça a urgência de intervenções, como grupos terapêuticos (Pereira *et al.*, 2017) e promoção da neurodiversidade (Araújo, Silva e Zanon, 2023), para mitigar efeitos e fomentar a resiliência materna via redes de apoio e políticas anti-estigma.

Em síntese, os estudos dialogam de forma integrada ao indicar que a experiência materna no contexto do TEA envolve desafios clínicos — comunicação e repetitividade (Araújo; Silva e Zanon, 2023) —, emocionais — luto e sobrecarga (Ponte e Araújo, 2022) e sociais — estigma e isolamento (Pereira *et al.*, 2017; Paranhos *et al.*, 2024) interligados, com a centralidade materna como eixo comum que perpetua desigualdades de gênero e impactos na saúde mental.

Há consenso de que a sobrecarga não é excessiva, mas agravada por modelos médicos dominantes e falta de corresponsabilidade paterna, exigindo políticas públicas que promovam engajamento familiar (Paranhos *et al.*, 2024),

intervenções grupais (Pereira *et al.*, 2017), inclusão neurodiversa (Araújo; Silva e Zanon, 2023) e suporte fenomenológico (Ponte e Araújo, 2022). Esses achados sugerem lacunas para pesquisas futuras, como estudos qualitativos com pais e amostras distribuídas (baixa renda, famílias monoparentais), para validar intervenções que equilibrem cargas e empoderem mães, alinhando-se à neurodiversidade como paradigma inclusivo.

4 CONCLUSÃO

Pesquisas demonstram que a sobrecarga enfrentada por mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) compromete significativamente sua saúde mental, bem-estar e qualidade de vida. A revisão integrativa demonstrou que os efeitos dessa sobrecarga são multifatoriais, envolvendo demandas físicas, emocionais e sociais, além de fatores culturais e institucionais. Observou-se que a centralidade do cuidado recai quase exclusivamente sobre a mãe, enquanto o engajamento paterno permanece majoritariamente afetivo e limitado nas tarefas cotidianas, potencializando o desgaste psíquico, o isolamento e a sensação de sobre-responsabilização.

A pesquisa evidencia que, embora algumas mães desenvolvam estratégias de enfrentamento, como participação em grupos de apoio, espiritualidade e ressignificação das expectativas, essas práticas não compensam integralmente os efeitos da sobrecarga, que se agrava diante da insuficiência de suporte social e institucional e do estigma social associado ao TEA. Nesse contexto, o estudo reforça a necessidade de intervenções psicossociais integradas, que promovam a corresponsabilidade parental, valorizem a neurodiversidade e estimulem políticas públicas voltadas ao apoio efetivo das famílias.

Como contribuição, esta pesquisa amplia o debate sobre a maternidade atípica, destacando a complexidade da experiência materna no TEA e reforçando a importância de práticas profissionais que favoreçam o cuidado integral. Sugere-se que estudos futuros aprofundem intervenções psicológicas voltadas à promoção da saúde mental e da qualidade de vida das mães cuidadoras, considerando contextos socioeconômicos diversos e a participação

ativa dos pais, a fim de equilibrar responsabilidades e fortalecer redes de suporte familiares e sociais.

5 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ARAÚJO, A. G. R.; SILVA, M. A.; ZANON, R. B. *Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão*. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, e247367, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXcdmnHz/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

GALVÃO, C. M.; MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem (SciELO)*, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 30 maio 2025.

PARANHOS, J. S. S. G.; VIDIGAL, G. M. S.; TAKESHITA, I. M.; VIEIRA, G. R.; VIEIRA, H. R.; SILVEIRA, C. P. *A influência do engajamento paterno na qualidade de vida de mães de crianças com deficiência*. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 2, e230233pt, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230233pt>. Acesso em: ago. 2025.

PEREIRA, M. L.; BORDINI, D.; ZAPPITELLI, M. C. *Relatos de mães de crianças com transtorno do espectro autista em uma abordagem grupal*. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 56-64, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v17n2p56-64>. Acesso em: 31 ago. 2025.

PONTE, A. B. M.; ARAÚJO, L. S. *Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista*. **Revista do NUFEN: Fenomenologia e Interdisciplinaridade**, Belém, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912022000200010&script=sci_abstract&utm_source=. Acesso em: 31 ago. 2025.

RIOS, C.; ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R.; NASCIMENTO, L. F. *Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira*. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 325-336, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0146>. Acesso em: 20 ago. 2025

SCHMIDT, C. **Estresse, autoeficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de transtornos globais do desenvolvimento**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em:

https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6956?utm_source=. Acesso em: 07 abr. 2025

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. **A experiência da maternidade de mães de crianças com autismo.** *Psicologia em Estudo*, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWp/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

VIANA, C. T. S.; BENINCASA, M. **Maternidade atípica: termo e conceito.** *Revista Acadêmica Online*, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2023.035>. Acesso em: 12 abr. 2025.

VILANOVA, J. R. S.; CARNEIRO, C. T.; ROCHA, K. N. S.; BRITO, M. A.; ROCHA, R. C.; COSTA, A. C.; BEZERRA, M. A. R.. **Sobrecarga de mães com filhos diagnosticados com transtorno do espectro autista: estudo de método misto.** *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 43, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rngenf/article/view/125659>. Acesso em: 07 abr. 2025.